

Discurso político, discurso religioso: uma análise do discurso bíblico em falas públicas presidenciais

Political discourse, religious discourse: an analysis of the biblical discourse in presidential public speeches

Rudá da Costa Perini

Universidade Federal Fluminense

Rudá da Costa Perini

é doutor em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Filiado à Análise de Discurso Materialista, seu principal interesse de pesquisa é o funcionamento do discurso político na formação social capitalista. Atualmente, atua como professor substituto de Linguística e Língua Portuguesa na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e da Linguagem da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: ruda.perini@unemat.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9676-5803>.

Recebido em:
06/06/2022

Aceito em:
20/03/2023

MAI / JUL 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 178-193

RESUMO

O presente artigo, fundamentado na Análise de Discurso materialista, como postulada por Michel Pêcheux e continuada por Eni Orlandi, tem como objeto discursos presidenciais oficiais do trigésimo oitavo presidente do Brasil ao falar a segmentos evangélicos. Nessa perspectiva, objetiva-se compreender como se constitui a relação do discurso político presidencial com certo discurso bíblico, isto é, com uma série de enunciados advindos de uma base material específica, a Bíblia Sagrada, e de determinada formação discursiva aqui identificada como neopentecostal. Por meio do procedimento metodológico de recorte (ORLANDI, 1987), são analisados três vídeos que registram cerimônias realizadas para e/ou por religiosos evangélicos nas quais o sujeito-presidente lhes fala *in loco*. Nessa direção, o gesto de análise ilumina processos discursivos que se instauram na materialidade, como por exemplo, o imbricamento de enunciados bíblicos nos discursos presidenciais. Aí se desnuda a constituição de uma posição-sujeito investida de poder dizer do lugar de liderança política, mas também religiosa. Por conseguinte, conclui-se que o atravessamento do discurso bíblico no discurso político funciona em prol de um projeto de poder.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso presidencial, discurso bíblico, formação discursiva bíblica neopentecostal.

ABSTRACT

This article, based on the materialistic discourse analysis, as postulated by Michel Pêcheux, and unfolded by Eni Orlandi, has as its object the official presidential speeches of the thirty-eighth president of Brazil speaking to evangelicals segments. In this perspective, its aim is to understand how the relationship between the presidential political discourse and a certain biblical discourse is constituted, that is, with a series of statements coming from a specific material basis, the Holy Bible, and of certain discursive formation identified here as neo-Pentecostal. Through the methodological clipping

procedure (ORLANDI, 1987), three videos that display ceremonies performed for and/or by evangelical religious in which the subject-president speaks to them in loco are analyzed. In this direction, the analysis illuminates discursive processes that are established in materiality, such as the imbrication of biblical statements in presidential discourses. Thereby the constitution of a subject position is stripped of its ability to say the place of political but also religious leadership. Therefore, it is concluded that the crossing of biblical discourse in political discourse works for a project of power.

KEYWORDS

Presidential speech, biblical discourse, neo-Pentecostal biblical discursive formation.

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo geral compreender a relação que se constitui entre o discurso religioso e o discurso político do trigésimo oitavo presidente do Brasil. A análise em tela se sustenta no aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso materialista, tal qual postulada por Michel Pêcheux e continuada por Eni Orlandi.

Face à equivocidade da noção de discurso religioso, proponho, para o recorte aqui empreendido, a noção de discurso bíblico, mas, como se mostrará mais à frente, esse discurso, que toma como base material a Bíblia Sagrada, tem funcionamento particular ao ser instrumentalizado pelo discurso político presidencial, noutras palavras, ao ser reproduzido/atualizado a serviço de certo projeto político.

Em vista da multiplicidade de vertentes religiosas de matriz cristã que baseiam suas doutrinas na Bíblia – como por exemplo a Igreja Católica ortodoxa e a Carismática; as igrejas evangélicas Pentecostais, Neopentecostais, Batistas, cada qual com suas denominações e visões teológicas em maior ou menor grau distintas –, é notável que são diferentes as interpretações do texto bíblico e, por conseguinte, heterogêneos os efeitos de sentido delas decorrentes. Algumas denominações apoiam-se numa visão mais atualizada, considerando as condições históricas de produção das Escrituras e a conjuntura social contemporânea, outras sustentam-se em uma visão mais veterotestamentária, privilegiando determinadas crenças sustentadas pelo Velho Testamento.

Nessa direção, entendo que o objeto Bíblia Sagrada se caracteriza como um objeto em disputa no tecido social, outrossim, como um instrumento de luta ideológica – não só entre segmentos religiosos, mas também para além deles –, o que Pêcheux ([1983] 2016) chama de objeto paradoxal. A interpretação dos fragmentos de discurso que ecoam da Bíblia não significam a mesma coisa para todos e podem mudar de sentido a depender da posição discursiva daqueles que os enunciam e da formação discursiva que os sustentam. Dito de outro modo, palavras como “Deus”, “fé”, “família”, “verdade”, entre outras funcionam como objetos paradoxais, aqueles que marcadamente refletem as lutas ideológicas. Os objetos paradoxais “são, simultaneamente idênticos consigo mesmos e se comportam antagonicamente consigo mesmos. [...] funcionam em relações de força móveis, em mudanças confusas, que levam a concordâncias e oposições extremamente

instáveis” (PÊCHEUX ([1983] 2016, p. 115-116).

2. Algumas considerações sobre as condições de produção do discurso bíblico

Acerca da institucionalização da discursividade bíblica na esfera política, temos visto nesses anos de trigésimo governo o retorno contundente das pautas de costume que se traduzem numa preocupação obsessiva com questões relativas à estrutura familiar tradicional, ou melhor, heteronormativa¹, e questões de sexualidade e gênero²; após as eleições de 2018, presenciamos o crescimento de ataques moralistas às artes de um modo geral, mas sobretudo a qualquer manifestação artística que questione religião ou debata sexualidade; além disso, assistimos o aumento da representação evangélica na política e uma relação cada vez mais estreita entre o sujeito-presidente e lideranças religiosas, especialmente as evangélicas neopentecostais.

Cunha, Nabuco e Chirio (2021) discutem, sob a ótica historiográfica, uma hipótese que tem permeado investigações em diferentes áreas das ciências humanas e sociais, a de que a partir da década de 2010 o Brasil (assim como outros países) atravessa um período de virada conservadora e consequente desestabilização da democracia. Um aspecto dessa virada conservadora bastante relevante para análise que empreendo aqui é o que os autores chamam de “a escalada de uma religiosidade conservadora” (CUNHA; NABUCO; CHIRIO, 2021, p. 238). De acordo com os historiadores:

Um dos elementos mais significativos da virada conservadora no Brasil na década de 2010 foi o ativismo religioso conservador na esfera pública, fenômeno que não está dissociado do crescimento dos pentecostais na população brasileira e do declínio da representação dos católicos. Da destituição de Dilma Rousseff à eleição de Jair Bolsonaro, que contou com uma importante parcela de evangélicos na sua base eleitoral, esse ativismo fez aumentar. Esse fenômeno é parte essencial da recente ascensão do conservadorismo no Brasil (CUNHA; NABUCO; CHIRIO, 2021, p. 239).

É por esse caminho que prossigo. Machado (2021) examina as articulações políticas que vêm sendo construídas entre os segmentos cristãos e o poder público. Segundo a autora,

Desde a eleição presencial de 2014, o Brasil vem vivendo um processo de grande

1 Conforme Petry e Meyer (2011, p. 195), “a heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade de acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas – e apenas duas – possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho. Haveria, conforme ressalta Guacira Louro (1999), uma lógica na representação hegemônica do gênero e da sexualidade que definiria uma coerência ‘natural’ e ‘inerente’ entre sexo-gênero-sexualidade; isto é, cada sexo só poderia interessar-se pelo sexo oposto (sexualidade heterossexual) e este interesse seria ratificado pela possibilidade procriativa”.

2 A figura mais emblemática dessa defesa de uma família heteronormativa no trigésimo oitavo governo é Damares Alves, ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, ministério criado neste governo, e ex-pastora das igrejas Evangelho Quadrangular e Batista da Lagoinha. Damares, que em comemoração à sua posse como ministra, se agita, pula e diz alegremente “menino veste azul e menina veste rosa” (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q6X3-nXjmv4>. Acesso em: 14 jul. 2022).

instabilidade política e de fortalecimento de movimentos sociais conservadores, que teve no impeachment da presidente Dilma Rousseff um dos seus momentos mais críticos. Protocolado na Câmara Federal por partidos de oposição, o pedido de impeachment foi aceito, em dezembro de 2015, por um parlamentar pentecostal, Eduardo Cunha (PMDB), que ocupava a presidência daquela casa, e sua votação em plenário foi marcada por uma série de manifestações de cunho religioso (MACHADO, 2021, p. 241).

A historiadora destaca que esse fato ilumina a expressão do crescimento da população pentecostal e também do ativismo religioso capilarizado em diferentes instâncias de poder público. Ainda com Machado (2021), dados levantados pelos censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 1991, 2000 e 2010 apontam a queda do contingente católico e o crescimento do evangélico, especialmente pentecostal.

Assim, enquanto a representação dos católicos no país declinou de 83,3% em 1991 para 73,8% em 2000, e para 64% em 2010, a dos evangélicos evoluiu de 9% para 15,6% e passou a 22,2% nesse mesmo período. Os índices estatísticos revelam também que os grupos evangélicos que mais cresceram nessas três décadas foram os pentecostais, que representavam 13,3% dos brasileiros em 2010 (MACHADO, 2021, p. 241).

Como explica Rocha (2020), o neopentecostalismo, assim como seu predecessor, o pentecostalismo, é um movimento dissidente do protestantismo. Iniciado nos Estados Unidos na década de 1960 por líderes que ficaram conhecidos como neocarismáticos ou evangélicos carismáticos, chega ao Brasil na década seguinte como movimento neopentecostal, representado por Edir Macedo e sua Igreja Universal do Reino de Deus. Uma questão importante a ser ressaltada concerne às características centrais desse movimento, quais sejam:

Prega a Teologia da Prosperidade, segundo a qual Deus reserva sucesso financeiro, saúde e realizações na vida para os cristãos. O dízimo e a oferta conduzem à prosperidade. A lógica é: quanto mais se doa à igreja, mais sucesso está por vir. É descentralizado e sectário, com independência entre as igrejas, sem uma figura hierárquica central, como o papa católico. Enfatiza uma constante guerra espiritual contra a figura do Diabo e seus representantes na Terra, da cultura à política. Propõe uma abordagem menos severa em relação ao uso de roupas pelos fiéis do que nas pentecostais mais antigas. Usa meios de comunicação de massa, como rádios e programas de TV, para pregar sua fé e obter novos fiéis (ROCHA, 2020).

As principais igrejas neopentecostais em número de fiéis hoje no Brasil são, além da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a Igreja Internacional da Graça de Deus (fundada pelo pastor Romildo Ribeiro Soares em 1980, conhecido como R. R. Soares, dissidente da IURD e seu cofundador, além de cunhado de Macedo); a Igreja Renascer em Cristo (fundada pelo casal de bispos Estevam Hernandes e Sônia Hernandes, em 1986); a Sara Nossa Terra (fundada pelos bispos Robson Rodovalho e Maria Lúcia Rodovalho, em 1992); e, por fim, a Igreja Mundial do Poder de Deus (fundada pelo pastor Valdemiro Santiago, outro ex-IURD, em 1998).

Na perspectiva neopentecostal, as condições materiais precarizadas do sujeito são consequência de sua falta de fé, e não, por exemplo, de um

processo histórico de exploração da classe trabalhadora, de uma conjuntura socioeconômica profundamente desigual produzida pelo sistema capitalista. Sendo assim, é possível interpretar que uma ideologia meritocrática permeia o discurso neopentecostal. “O dízimo, entendido como expressão da fé de quem doa, ganha uma centralidade maior do que em outras denominações e é apresentado por líderes neopentecostais como caminho principal para esse sucesso” (ROCHA, 2020). Isso explica, em parte, a expansão das igrejas e o enriquecimento exorbitante dos líderes neopentecostais que, na atualidade, acumulam grandes fortunas, mas não sem envolvimento em noticiadas acusações de lavagem de dinheiro, sonegação de impostos e estelionato. Conforme escreve Rocha (2020), citando levantamento da Revista Forbes de 2019, a fortuna de Edir Macedo foi calculada em cerca de R\$ 2 bilhões; o patrimônio de R. R. Soares chega a R\$ 250 milhões; Estevam e Sônia Hernandez, responsáveis pela importação da Marcha para Jesus, presos em 2007 por tentar sair dos Estados Unidos com dinheiro não declarado, são donos da Gospel FM e da Rede Gospel (canal de TV aberta) e sua fortuna seria de aproximadamente R\$ 120 milhões; Valdemiro Santiago, com seu chapéu de vaqueiro e imagem produzida de homem simples, teve sua riqueza estimada em R\$ 400 milhões. Enfim, o fato de os principais líderes de denominações neopentecostais no Brasil acumularem enormes quantidades de capital financeiro e cada vez mais influência é uma consequência direta do crescimento dessas comunidades evangélicas que se expandiram, inclusive, para além do território nacional.

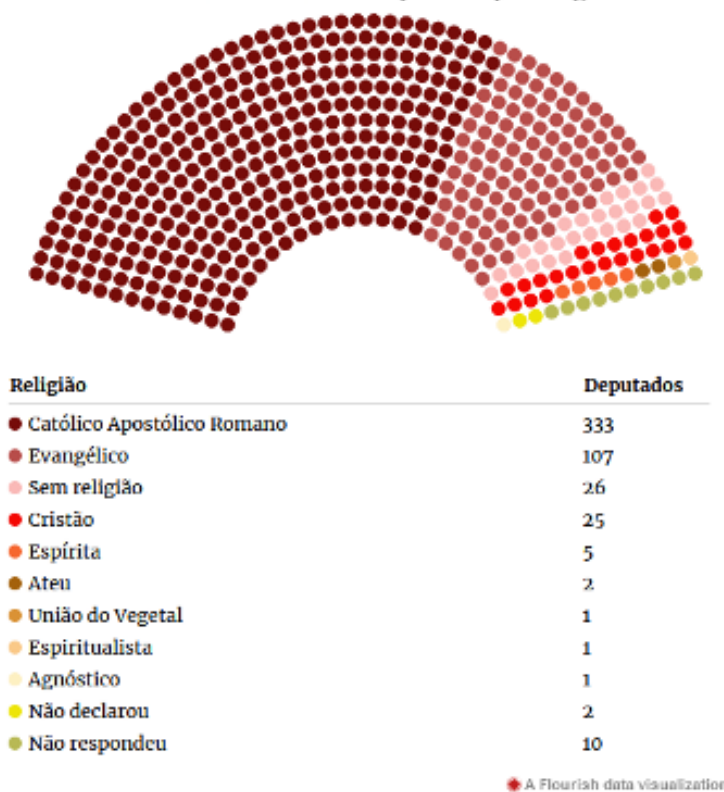
Historicamente, o movimento neopentecostal teve presença marcada, e crescente, da constituinte de 1988 aos dias atuais:

Se até a década de 1980 um bordão popular dizia que “crente não se mete em política”, isso começou a mudar na Assembleia Constituinte realizada entre 1987 e 1988. A elaboração da nova carta no Congresso nacional contou com a participação de 33 deputados evangélicos, incluindo 18 pentecostais, incluindo o primeiro congressista neopentecostal, ligado à Iurd. Entre as iniciativas da bancada estava o pedido de que um exemplar da Bíblia fosse deixado na Mesa da Constituinte para uso dos congressistas. A ideia [foi] do deputado Antônio de Jesus (PMDB-GO), ligado à Assembleia de Deus. Atendido o pedido, a presença do livro sagrado no recinto seria mencionada em diversos pronunciamentos ao longo da Constituinte. A Bíblia foi convocada para apoiar discursos com temas que incluíam a “permissividade” da sociedade e sua relação com a aids, a pena de morte, a reforma agrária e as injustiças sociais, conforme relato do cientista político Sydney Melo em “Deus, a Bíblia e os evangélicos na Constituinte (1987-1988)”. Na década de 1990, o neopentecostalismo, por meio da Igreja Universal, começou a se infiltrar na arena política. Na virada do milênio, a Iurd contava com uma bancada de 18 deputados na Câmara, em partidos diferentes. Eram liderados pelo Bispo Rodrigues, que na época chegou a ser vice-presidente do Partido Liberal (PL). Em 2002, o pastor Marcelo Crivella, sobrinho de Edir Macedo, estreou na política, candidatando-se a senador pelo Rio de Janeiro, pelo PL. Crivella derrotou os veteranos Leonel Brizola e Artur da Távola. Em 2005, a Universal coletou mais de 600 mil assinaturas para a criação de um partido político, o PMR (Partido Municipalista Renovador). Em seguida, por sugestão de seu filiado José Alencar (então vice-presidente de Luiz Inácio Lula da Silva), mudou o nome para Partido Republicano Brasileiro (em 2019, mudaria outra vez para Republicanos) (ROCHA, 2020, s/p).

Da presença na constituinte à criação de partido próprio, a representa-

ção evangélica neopentecostal na política, proporcionalmente à sua expansão na sociedade brasileira, também cresceu. Um levantamento realizado em 2020, mostrou que a concentração de deputados autodeclarados evangélicos é de 107 do total de 533; 55 são pentecostais e 52 neopentecostais, entre os últimos, 18 são da Iurd.

Gráfico 1: Câmara dos Deputados por religião



Fonte: Metrôpoles. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/evangelicos-neopentecostais-sao-super-representados-na-camara>. Acesso em: 14 jul. 2022.

Machado (2021), para resumir, mostra como o neopentecostalismo vai se transformando em religião cada vez mais politizada e popular. Do episódio da Assembleia Constituinte ao conluio golpista que destituiu Dilma Rousseff, as lideranças evangélicas foram protagonizando acontecimentos que se conectam em sua historicidade: primeiro o aumento de candidaturas de pastores, bispos e outros para garantir a representação dos interesses da comunidade evangélica na esfera legislativa; a criação de uma Frente Parlamentar Evangélica em 2003; a aproximação interessada com o PT nas eleições de 2002 e 2006 e, mais tarde, distanciamento e consequente oposição ao partido; conflito aberto, tanto no âmbito legislativo como nos meios de comunicação de massa, com movimentos sociais feministas e LGBTQIA+ em função das políticas públicas previstas pelo Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH3), entre elas a revisão da legislação vigente no que concernia à saúde da mulher em relação ao aborto legal e o recrudescimento das formas de combate à discriminação com base na orientação sexual; e

ainda a eleição de Eduardo Cunha e posterior conquista da presidência da Câmara dos Deputados, indício favorável aos setores conservadores. Esse processo chancelou uma leva de projetos políticos como: a Reforma do Estatuto da Família (PL 6.583/13), que definia como família a união entre um homem e uma mulher e outras medidas; o projeto de lei Escola Sem Partido, proposto pelo deputado estadual Flávio Bolsonaro, que previa a erradicação da, assim nomeada por religiosos católicos conservadores, “ideologia de gênero” nas escolas, entre outros.

Enfim, essa agenda conservadora encabeçada pelas lideranças pentecostais e neopentecostais se alia a interesses das elites financeiras, sobretudo com o setor do agronegócio (mobilizado pela defesa do sagrado valor da propriedade privada) e das armas (que mobiliza o medo da violência e a falsa sensação de autoproteção e proteção da família). No período eleitoral de 2018, muitos desses líderes religiosos não só declararam publicamente apoio à candidatura do trigésimo oitavo presidente, como também pregaram em seu favor em suas igrejas e mídias de massa. Logo, o processo de ingresso e permanência da representação evangélica, sobretudo neopentecostal, na política se mostra como um sintoma associado ao que Cunha, Nabuco e Chirio (2021) denominam de virada conservadora no Brasil.

3. O discurso presidencial e o discurso bíblico: um gesto de análise

Nos recortes (ORLANDI, 1987, p. 139) produzidos nesta análise, importa adiantar, predomina o modo de dizer balizado pelo “para quem se diz”. O material analisado consiste em três vídeos que registram cerimônias realizadas para e/ou por religiosos evangélicos nas quais o sujeito-presidente fala *in loco* a esse público.

O primeiro vídeo em análise trata-se do registro da fala presidencial no Encontro do Conselho de Ministros Evangélicos do Brasil, ocorrido no Rio de Janeiro, em 11 de abril de 2019. O vídeo, parte da programação jornalística da TvBrasil, canal governamental oficial na plataforma YouTube que cobre atividades presidenciais, captura a participação presidencial no evento em plano frontal fixo, enquadrando a parte superior do corpo do sujeito-presidente, em fundo cinza, durante toda sua fala. A escolha de enquadrar aqui coloca em primeiro plano a imagem de quem fala. Nesse evento, ele fala a lideranças e congressistas evangélicos.

Recorte 1: Encontro do Conselho de Ministros Evangélicos do Brasil



Há pouco ouvi o pastor americano John Hagee fazer uma veemente pregação aqui, falando sobre Israel. E minha vida é feita de muita coincidência. Uma agora, nesses dias, no meio da minha pré-campanha, estive em Israel, além dos meus 3 filhos, que muitos teimam em afastá-los de mim, mas ninguém afasta o filho do pai, ou o pai do filho, estivemos juntos lá. E lá também esteve o nosso querido Gidalti, que por coincidência fez aqui a dublagem não é? Dublou aqui o nosso querido John Hagee. Então, um prazer muito grande. E também estava na minha comitiva em Israel e na outra ponta da linha também na minha comitiva em Israel, estava o pastor Geraldo, presente aqui e ele no mesmo voo meu, de Brasília pra cá, uma dupla coincidência. E, mais ainda, nessa viagem na Europa aconteceu uma coisa comigo que tocou minha alma, eu fui convidado naquela época, naquele momento, a se batizar e o pastor presente à comitiva fez com que nós, eu e meus filhos, descêssemos nas águas do Rio Jordão. Tocou minha alma aquela ida a Israel, aquela passagem por lá.

Os demais, prezado, prezado senhor Malafaia, o senhor falou aqui em tecnologia de água, parabéns. Falou até que a precipitação pluviométrica em Israel é menor do que o semiárido nordestino. Mas hoje, por coincidência, está em Campina Grande o nosso Marcos Pontes, astronauta, ele está inaugurando lá o Centro de Testes e Tecnologia de Dessalinização e também o laboratório de referência de dessalinização. Tecnologia israelense.

E presente, aqui, um amigo que não via desde as eleições, quase chorei, confesso. E espero encontrar brevemente com ele e que nós nunca mais nos afastamentos, meu prezado Magno Malta. Prezado pastor John Hagee, eu estava em Anápolis, num carro de som, numa pré-campanha - pré-campanha, Dias Toffoli, quero deixar bem claro, não estava em campanha, não - quando... Jamais vou confessar qualquer crime aqui. Quando chegou-me a notícia de que Donald Trump havia reconhecido Jerusalém, havia transferido a embaixada dos Estados Unidos para Jerusalém. Tinha no fundo, assim, uma bandeira de Israel. Mandei ver a bandeira e falei que aquilo passaria a ser um compromisso nosso: buscar uma maneira de, efetivamente, também reconhecer. E como disse o Silas Malafaia aqui: quem decide onde é a capital ou não de Israel é o seu povo, é o seu governo, são os seus parlamentares, e assumimos aquele compromisso.

Fonte: Presidente Bolsonaro participa de Congresso Nacional de Pastores. Marca de 35s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=nt42hpr2iL8> . Acesso em: 08 ago. 2022.

A fala do sujeito-presidente, marcada pela palavra “coincidências”, que carrega uma memória religiosa de algo inexplicável ligado aos planos divinos para a vida dos seres humanos, se inicia com uma menção a fatos passados; primeiro, ao episódio em que, durante a pré-campanha da eleição presidencial de 2018, ele esteve pela primeira vez em Israel com seus três filhos e lá foram convidados a descer ao Rio Jordão para se batizar.

Nesse introito, em que fala de coincidências fortuitas (como a presença do pastor Everaldo na comitiva que acompanhou essa viagem a Israel e, graças a isso, realizou o batismo do sujeito-presidente), já se nota a presença do nome de um local tido como sagrado no discurso bíblico, o rio no qual, segundo a narrativa bíblica, o próprio Jesus foi batizado. O relato do sujeito-presidente produz um efeito de sentido significativo ao atualizar a memória do batismo de Cristo: o corpo de Cristo e o seu tocam as mesmas águas e nelas se banham da bênção divina que, por meio do rito sacramental, abre caminho para a salvação eterna. Esse efeito de sentido, no não dito, ao atualizar a memória do batismo do filho de Deus, simula uma aproximação, pela presença do corpo no espaço e pela performance do rito (ba-

tismo), entre o sujeito-presidente, e o próprio corpo de Jesus. Desse modo, produz-se uma autoimagem messiânica cujo sentido teológico se sustenta na memória discursiva bíblica.

O relato segue e, ainda mencionando o período de pré-campanha, o sujeito-presidente alude a outro episódio em que esteve em Anápolis e recebeu a notícia de que Donald Trump, então presidente dos Estados Unidos da América, havia transferido a embaixada dos EUA para Jerusalém³. Em meio a esse relato, captura a escuta analítica um enunciado proferido em tom jocoso, que, inclusive, provoca o riso da plateia, no qual alerta ao ministro do Supremo Tribunal Federal, Dias Tóffoli, sentado na primeira fileira, e agora seu interlocutor: “Eu estava em Anápolis, num carro de som, numa pré-campanha; pré-campanha, Dias Tóffoli, deixar bem claro, não estava em campanha não... (risos). Jamais vou confessar qualquer crime aqui.”

Chama a atenção o modo como fala o sujeito-presidente aos evangélicos, com tom amistoso, por vezes informal, como se contasse algo a amigos. Irrompe, nesse fragmento do discurso presidencial, o sentido de confissão, que, nessas condições de produção, parece coadunar o jurídico (confessar um crime) ao religioso (confessar um pecado). Na formulação, a negação introduzida pelo advérbio “jamais” interdita a possibilidade de confissão e, contraditoriamente, desnuda a possibilidade de existência de “crime”. Isto é, a própria negação da confissão funciona discursivamente como falha, equívoco; ao negar que fará a confissão, o sujeito confessa que houve crime.

No recorte seguinte, vê-se comparecer um versículo bíblico:

Recorte 2: Encontro do Conselho de Ministros Evangélicos do Brasil

Há poucas semanas, nós não fugimos a tradição nenbuma. Nós passamos a votar lá na urna, nas questões dos direitos humanos, de acordo com João 8:32, e de acordo com a verdade, então, por coincidência, passamos a votar junto com os Estados Unidos e com Israel.

Fonte: Presidente Bolsonaro participa de Congresso Nacional de Pastores. Marca de 5min15s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=n-t42hpr2iL8> . Acesso em: 08 ago. 2022.

Nesse recorte, é citado o versículo João 8:32, que remete aos ensinamentos de Cristo, portanto, à verdade divina: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Ao citar o versículo e enunciar “de acordo com a verdade”, produz-se um efeito de que sua decisão política, “votar junto com os Estados Unidos e Israel”, se reveste pelo efeito de verdade que se projeta a partir da Palavra, já que evoca o versículo e enuncia agir de acordo com ele. O recorte 3, ao mesmo tempo que ilumina o fato de uma decisão política ter sido tomada com base no que versa o texto bíblico, apaga a inscrição de duas posições-sujeito contraditórias, quais sejam: uma posição-sujeito

3 A mudança de embaixada, ato político do governo dos EUA ocorrido em 2018, foi mais um dos episódios na longa história de intervenções imperialistas do EUA no território disputado historicamente por israelenses e palestinos. A questão do conflito entre Israel e Palestina, dada sua complexidade, não será aprofundada aqui. Ressalvo apenas que este trabalho se posiciona criticamente às medidas violentas, colonialistas e de limpeza étnica adotadas pelo estado de Israel há décadas. A série “Introdução à Palestina” produzida pela historiadora Dra. Sabrina Fernandes, aborda de modo bem fundamentado a questão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v70xyAufhLc>. Ver também Said (2012).

que enuncia em nome da verdade; e outra posição-sujeito que publicamente difunde numerosos boatos, mentiras e factoides⁴.

No recorte 3, observa-se outro funcionamento:

Recorte 3: Encontro do Conselho de Ministros Evangélicos do Brasil

E o meu compromisso, que é o do Witzel, o nosso compromisso, dos meus ministros, das pessoas de bem, dos evangélicos, dos cidadãos de maneira geral, é buscar maneira de transformar o nosso país no que é Israel hoje em dia. Olha o que eles não têm e veja o que eles são. Eles não têm riquezas minerais, não tem água, não tem biodiversidade, não tem terras férteis, não tem grandes áreas turísticas, a não ser aquelas bíblicas. E olhe nós, olha o que nós temos. Nós temos tudo. Temos tudo. E olha o que nós não somos. O que nos falta? Falta fé. Nos falta gente que sirva de exemplo para os demais.

Fonte: Presidente Bolsonaro participa de Congresso Nacional de Pastores. Marca de 8min20s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=n-t42hpr2iL8>. Acesso em: 08 ago. 2022.

O discurso presidencial constrói uma comparação opositiva entre Brasil e Israel que coloca Israel como modelo que sirva de base para transformar o país, o que é posto como um compromisso político e cidadão de “transformar o nosso país no que é Israel hoje em dia”. A comparação em tela opera pelo jogo de oposições marcado pelos verbos “ter” e “ser”:

Olha o que eles não têm e veja o que eles são

x

olha o que nós temos [...] E olha o que nós não somos

Essa comparação direciona o discurso a uma pergunta que propõe esclarecer, por fim, a causa da diferença entre os países: “O que nos falta?”. A resposta, ignorando qualquer análise histórica, social, cultural ou econômica, é direta e contundente: “Falta fé”. Na formulação, o discurso bíblico intervém novamente se materializando no item lexical “fé” e no sentido que vai se construindo de que a fé, mas não qualquer fé, a fé neopentecostal, é a ferramenta de transformação necessária que falta ao Brasil. O item lexical “fé” se coloca, portanto, como um objeto ideológico paradoxal. Isto é, noutra formação discursiva poderia significar de outro modo, mas no discurso presidencial, significa a fé da Teologia da Prosperidade, difundida pelo neopentecostalismo, na qual Deus reserva sucesso financeiro, saúde e realizações para os cristãos que creem, que têm fé.

No recorte 4, pode-se observar o modo como o sujeito-presidente atribui sua recuperação do ferimento causado por uma facada, sofrida durante atentado à sua vida no período de campanha, à intervenção divina.

Recorte 4: Encontro do Conselho de Ministros Evangélicos do Brasil

Estou vivo hoje por um milagre de Deus. Agradeço às orações dos senhores. Cheguei a essa condição que cheguei, que quase ninguém acreditava lá trás. Até lá em casa tinha problema, né? Ué, você vai chegar só domingo? Que que está acontecendo contigo? Tá certo? Mas, conseguimos chegar quase que por um milagre. Eu vou dizer: é um milagre, sim, no meu entender. Perto do que nós tínhamos, perto do que os outros tinham. Mas esse milagre eu chamo missão de Deus. E essa missão, juntamente com os senhores e com o povo de bem do Brasil, nós a cumprimos. E o Brasil chegará, sim, a um porto seguro. Meus irmãos evangélicos, meu muito obrigado a todos os senhores e senhoras. Obrigado por ter confiado em mim. Obrigado por ter depositado em mim o voto nas últimas eleições. E eu só peço cada vez mais a Deus, além de me capacitar, obviamente, é que ele esteja sempre ao nosso lado para que nós possamos colocar o Brasil no lugar que ele bem merece no mundo.

Fonte: Presidente Bolsonaro participa de Congresso Nacional de Pastores. Marca

de 9min34s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=n-t42hpr2iL8> . Acesso em: 08 ago. 2022.

Vale notar o sentido de “milagre”, que na narrativa bíblica significa um fenômeno sobrenatural por meio do qual Deus intervém no mundo físico operando feitos inexplicáveis aos olhos do homem. Aqui, o “milagre” significa dois acontecimentos distintos. Primeiro, a recuperação do atentado à facada: “Estou vivo hoje por um milagre de Deus”; e depois a vitória eleitoral: “Mas, conseguimos chegar quase que por um milagre. Eu vou dizer: é um milagre, sim, no meu entender”. Na última formulação, o sujeito manifesta, no primeiro segmento, o sentido de incerteza sobre o fenômeno materializado na palavra “quase”. Esse sentido se desfaz no fio do discurso de modo que, logo a seguir, o sujeito se volta sobre o próprio dizer, retificando-o: “é um milagre, sim, no meu entender”. Isto é, na construção do discurso, não cabe indecisão sobre a natureza divina do acontecimento, a convicção (fé) acerca do “milagre” precisa ser inabalável, afinal, o bom servo não pode duvidar do poder do seu Senhor. A confirmação do “milagre” vem logo adiante: “Mas esse milagre eu chamo missão de Deus”. Assim, articula-se o primeiro milagre ao segundo numa relação de causalidade que produz o seguinte sentido: a vida do sujeito-presidente foi salva por Deus (primeiro milagre), pois este tinha uma missão destinada àquele, vencer as eleições (segundo milagre).

Outro enunciado que materializa o discurso bíblico, não exatamente por um versículo, mas por um saber que permeia a narrativa bíblica: “E eu só peço cada vez mais a Deus, além de me capacitar, obviamente, é que ele esteja sempre ao nosso lado [...]”. Aqui ressoa um dizer proferido meses antes em um culto ocorrido em 31 de outubro na igreja evangélica Assembleia de Deus Vitória em Cristo, do pastor Silas Malafaia. Nesse culto, celebrado para o recém-eleito presidente, este diz: “Tenho certeza de que não sou o mais capacitado, mas Deus capacita os escolhidos”. A formulação pode parecer um atestado de incompetência para dada posição, mas funciona discursivamente como uma confirmação da intervenção divina, pois Deus o escolheu e, portanto, o capacitará para a “missão” de ser o presidente do Brasil. No mesmo culto, o pastor Silas Malafaia corrobora esse efeito de sentido, tomando a vitória eleitoral como referente discursivo, afirma, citando Coríntios 1, 27:

Deus escolheu as coisas loucas, para confundir as sábias. Deus escolheu as coisas fracas, para confundir as fortes. Agora a coisa vai ser mais profunda: Deus escolheu as coisas vis, de pouco valor, as desprezíveis, que podem ser descartadas, as que não são, para confundir as que são. Para que nenhuma carne se glorie diante dele. É por isso que Deus te escolheu⁵.

Essa pregação é um ponto importante para compreender o imbricamento entre o discurso bíblico e o discurso presidencial. O próprio sujeito presidente adere ao reconhecimento de que não é o mais capacitado para a tarefa. E isso não é acidental, pois para a construção dessa posição-sujeito passa a não importar as qualidades relevantes ao exercício da chefia

do poder executivo federal. Não importa a incompetência como político. Não importa a inépcia e a irresponsabilidade como figura pública. Tudo isso é silenciado. No fio do discurso, esses aspectos são, por efeito ideológico, sobrepostos por “Deus capacita os escolhidos”. Ou seja, reconhece-se ao mesmo tempo como incapacitado, mas escolhido. Portanto, nesse pérfido simulacro de balança cósmica, o que mais pesa é a suposta escolha divina do messias, uma fabricada missão conferida e assegurada por Deus em detrimento de qualificações prescindíveis ao exercício da função social de presidente.

A seguir, introduzo mais recortes efetuados em dois outros vídeos que registram falas do sujeito-presidente, respectivamente no Encontro Internacional de Missões dos Gideões, ocorrido 02 de maio de 2019, e na Celebração dos 108 anos da Assembleia de Deus em Belém, ocorrida em 13 de junho de 2019. Os recortes seguintes iluminam a repetição de enunciados, essa repetição vai se mostrando uma regularidade no discurso presidencial.

Recorte 5: Encontro Internacional de Missões dos Gideões



Fonte: Discurso do presidente Jair Bolsonaro na Encontro Internacional de Missões dos Gideões. Marca de 28s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=SAhzPUOrrE8>. Acesso em: 08 ago. 2022

Recorte 6: Encontro Internacional de Missões dos Gideões

O ano passado estive aqui. Ainda era um pré-candidato. E sabia das dificuldades que teria pela frente. Quem enfrentava... apenas oponentes, não adversários, não inimigos. E nós crescemos até porque, creio eu, tinha como lema, uma bandeira, algumas palavras de uma passagem bíblica, João 8:32: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (aplausos). Certa vez uma repórter me perguntou se eu tinha alguma chance de chegar sem mentir, porque isso, quase sempre, quase sempre, foi uma lógica no meu meio político. Eu disse-lhe, se é para mentir, perderei as eleições. Mas nós tínhamos o que os outros não tinham: o povo ao nosso lado e muita fé em nosso Deus, nosso Senhor. [...].

Passsei por um momento difícil na minha vida no dia 06 de setembro. Fui salvo por um milagre. Agradeço a Deus por ter salvo a minha vida. Agradeço a vocês pelas orações. Atingimos um objetivo. E esse objetivo, prezado Zilmar Miguel, eu o entendo como uma missão de Deus. Que ao lado de vocês, pessoas tementes a Deus, nós cumprimos essa missão. Até porque, vocês sabem, Ele não escolhe o mais capacitado, Ele capacita os escolhidos. [...].

E para não falar muito, a maior experiência que tive em minha vida foi na minha primeira viagem, no ano retrasado, para o Estado de Israel. Estive lá com os meus três filhos. E uma coisa marca qualquer um que visita aquela terra. Aquela terra santa. A terra de Jesus. Lá não tem nada de recursos naturais, de biodiversidade, de riquezas minerais, de áreas agricultáveis. Praticamente é um grande deserto. E a gente, o que percebe é o seguinte, a gente olha o que eles não têm e enxerga o que eles têm. A gente vem para nossa terra maravilhosa chamada Brasil. Oito milhões e meio de quilômetros quadrados. O menor estado é Sergipe, é maior que o Estado de Israel. E olha o que nós não somos. O que nos falta, comandante Moisés, pastor Zilmar, meus irmãos. Falta-nos é fé. É acreditar. [...].

Fonte: Discurso do presidente Jair Bolsonaro na Encontro Internacional de Missões dos Gideões. Marca de 3min5s a 7min16s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=SAhzPUOrrE8>. Acesso em: 08 ago. 2022

Recorte 7: Celebração dos 108 anos da Assembleia de Deus



Fonte: Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante o Culto de Celebração e Momento Cívico em Comemoração dos 108 Anos da Assembleia de Deus no Brasil- Belém/PA. Marca de 9s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mslcxm2jIZc>. Acesso em: 08 ago. 2022

Recorte 8: Celebração dos 108 anos da Assembleia de Deus

*Há pouco, em uma outra igreja evangélica eu fiz um paralelo de algo que estava sendo votado no Supremo Tribunal Federal. E com todo respeito ao Supremo Tribunal Federal, porque o assunto era tipificar homofobia como se racismo fosse. Naquele templo, naquela igreja, eu perguntei aos irmãos: **será que não está na hora de termos um evangélico no Supremo Tribunal Federal?** (aplausos). [...] **O estado é laico, mas eu, nós todos, somos cristãos. Respeitamos a maioria. Respeitamos a minoria, mas o Brasil é um país cristão.** [...].*

*Há pouco nós vimos o que estava acontecendo no Brasil. Em 2014, sozinho; obviamente com Deus acima de tudo, eu perguntei a mim mesmo: o que posso fazer para mudar o Brasil? Se nada tinha naquele momento... E resolvi andar sozinho num primeiro momento pelo Brasil. E vi, senti, qual era sede do povo? Acreditem, em primeiro lugar, a verdade. **E nós fomos no livro de João 8:32: "E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará".** [...].*

Um incidente no meio do caminho e desde aquele momento, a nossa vida muda. Devo a Deus a minha vida.

*Em Brasília procuro fazer o melhor para todos. Não tenho ambições. Tenho responsabilidade. **Reconheço as minhas deficiências, mas todos vocês sabem aqui: Deus capacita os escolhidos.***

Fonte: Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante o Culto de Celebração e Momento Cívico em Comemoração dos 108 Anos da Assembleia de Deus no Brasil- Belém/PA. Marca de 2min44s a 6min 40seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mslcxm2jIZc>. Acesso em: 08 ago. 2022

Nos dois eventos registrados pela TvBrasil, o Encontro Internacional de Missões dos Gideões (recortes 5 e 6) e o Culto de Celebração e Momento Cívico em Comemoração dos 108 Anos da Assembleia de Deus no Brasil (recortes 7 e 8), observa-se a presença do sujeito-presidente acompanhado de várias lideranças religiosas evangélicas pentecostais e neopentecostais. A câmera, nos dois vídeos, enquadra, em primeiro plano o sujeito-presidente, e em plano de fundo, os rostos conhecidos desses outros sujeitos pastores,

bispos, deputados e senadores evangélicos.

No recorte 8, comparece outro enunciado de suma importância à compreensão do discurso em análise. Como foi exposto no início desta seção, o imbricamento entre o discurso bíblico e o político tem um funcionamento próprio que, ao fazer um uso cínico e hipócrita de palavras, versículos, dizeres bíblicos, os colocam a serviço de um projeto de poder do qual é parte vital a comunidade evangélica, em especial a pentecostal e neopentecostal. Ao narrar uma visita recente a outra igreja evangélica, o sujeito-presidente reproduz a pergunta feita naquela situação: “será que não está na hora de termos um evangélico no Supremo Tribunal Federal?”. Ter um evangélico no STF, para essa posição-sujeito, implica a defesa dos interesses e anseios da comunidade evangélica em uma instância fundamental ao funcionamento democrático (ainda que nos termos de uma democracia burguesa) das instituições. Ou seja, galgar-se-ia, nessa perspectiva, (mais) um lugar estratégico de poder político.

Em seguida, um enunciado se destaca: “O estado é laico, mas eu, nós todos, somos cristãos.” A estrutura sintática faz falar o choque entre saberes antagônicos. Esse funcionamento Courtine ([1981] 2014) chama de enunciado dividido, isto é, aquele em que o confronto entre formações discursivas antagônicas se marca na língua. Nessa perspectiva, o enunciado em tela dá a ver o confronto entre o discurso constitucional e o discurso bíblico; confronto, portanto, entre o saber advindo de um instrumento jurídico e um instrumento religioso:

*O estado é laico
x
mas eu, nós todos, somos cristãos*

A conjunção adversativa “mas” marca na língua o choque entre discursos. O peso argumentativo da adversativa “mas eu, nós todos, somos cristãos”, por efeito sintático-semântico cristalizado pelo uso em nossa língua, é maior do que o da coordenada “o estado é laico”. Noutras palavras, “mas eu, nós todos, somos cristãos” se sobrepõe argumentativamente a “o estado é laico”. No plano discursivo, portanto, o discurso bíblico subjuga o discurso constitucional. A Bíblia Sagrada é autoridade maior que a Constituição Federal. Logo, em nome da Bíblia se pode dizer/fazer qualquer coisa, à despeito das leis vigentes.

Com base na análise empreendida até aqui, é possível interpretar que se constituem, pela repetição de certos enunciados, redes parafrásticas que vão atualizando o discurso bíblico. Convém, portanto, identificar que aí se constitui uma formação discursiva a qual intitulo de Formação Discursiva Bíblica Neopentecostal (FDBN). Veja-se abaixo um esboço que expõe essa cadeia parafrástica:

Quadro 1 - Redes parafrásticas de FDBN

Nós passamos a votar lá na urna, nas questões dos direitos humanos, de acordo com João 8:32 [...]

E nós crescemos até porque, creio eu, tinha como lema, uma bandeira, algumas palavras de uma passagem bíblica, João 8:32: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.

E vi, senti, qual era sede do povo? Acreditem, em primeiro lugar, a verdade. E nós fomos no livro de João 8:32: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. [...]

O que nos falta? Falta fé. O que nos falta, comandante Moisés, pastor Zilmar, meus irmãos. Falta-nos é fé. É acreditar. [...].
Estou vivo hoje por um milagre de Deus. Passei por um momento difícil na minha vida no dia 06 de setembro. Fui salvo por um milagre. [...] Atingimos um objetivo. E esse objetivo, prezado Zilmar Miguel, eu o entendo como uma missão de Deus. Um incidente no meio do caminho e desde aquele momento, a nossa vida muda. Devo a Deus a minha vida. E eu só peço cada vez mais a Deus, além de me capacitar [...]
Tenho certeza de que não sou o mais capacitado, mas Deus capacita os escolhidos. Ele não escolhe o mais capacitado, Ele capacita os escolhidos. [...]. Reconheço as minhas deficiências, mas todos vocês sabem aqui: Deus capacita os escolhidos.

4. Para, por ora, concluir

No presente artigo, apresentei a análise de um material composto por três vídeos institucionais que registram falas oficiais do sujeito-presidente em situações enunciativas em que falou aos evangélicos. Nessa análise, a partir do recorte de falas públicas proferidas pelo sujeito-presidente, busquei compreender os efeitos de sentido que vão se constituindo no discurso presidencial, notada sua materialmente inscrita relação com o discurso bíblico.

A partir desta análise, conclui-se que o discurso bíblico, ao ser cooptado pelo discurso político, tanto funciona como um instrumento, usado com cinismo e hipocrisia, a serviço de um projeto político de poder⁶, como um modo de dizer que convoca o sujeito cristão evangélico a se identificar. O discurso presidencial, por conseguinte, atualiza sentidos que vão se estabilizando pela repetição ao formar redes parafrásticas. Por esse caminho, constitui-se uma formação discursiva bíblica neopentecostal a qual sustenta, como um de seus efeitos de sentido mais consequentes, o sentido de que a Bíblia, a despeito da própria Constituição, é o instrumento de mais alta autoridade. Esse mecanismo discursivo chancela um dizer/fazer autoritário, que autoriza a si mesmo a tudo poder. Afinal, qualquer coisa, inclusive a mais vil atrocidade, pode ser feita em nome de Deus, já que apenas Deus está acima de todos.

Referências

CASTRO ROCHA, J. C. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de uma Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

COURTINE, J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. [1981]. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

6 A esse respeito vale à pena ressaltar a leitura que faz de Castro Rocha (2021). Para o autor, "certas denominações neopentecostais articulam há muito tempo um projeto político" (p. 334). Toma como o exemplo o livro *Plano de Poder*, de Edir Macedo, bispo da IURD, permeado por uma visão de mundo veterotestamentária, em que se discute tópicos como, por exemplo, "a visão estadista de Deus".

CUNHA, D.; NABUCO, R.; CHIRIO, M. **Crise política e virada conservadora no Brasil (2014-2018): o abismo brasileiro no espelho do mundo**. Curitiba: Appris, 2021.

HENRY, P. Fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

MACHADO, M. D. C. Conservadorismo moral e as articulações políticas de segmentos cristãos no Brasil. In: CUNHA, D.; NABUCO, R.; CHIRIO, M. (org.). **Crise política e virada conservadora no Brasil (2014-2018): o abismo brasileiro no espelho do mundo**. Curitiba: Appris, 2021.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. Ideologia – aprisionamento ou campo paradoxal? [1983]. In: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso Michel Pêcheux**. 4 ed. Campinas: Pontes editores, 2016.

PETRY, A. R.; MEYER, D. E. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos**, v. 10, n. 1, p. 193 - 198, Porto Alegre, jan./jul. 2011.

ROCHA, C. **A ascensão e influência das igrejas neopentecostais no Brasil**. Nexo Jornal, 19 abr. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/04/19/A-ascens%C3%A3o-e-influ%C3%Aancia-das-igrejas-neopentecostais-no-Brasil>. Acesso em: 10 jul. 2022.

SAID, E. W. **A questão da palestina**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.